

Pensar

Vai o debate a meio sobre a Regionalização e ouvem-se os queixumes da falta de esclarecimento, emerge da sombra um analfabetismo político que é o reflexo do falhanço pedagógico dos partidos, nestes vinte e tal anos de democracia.

As televisões vieram agora ao interior colher a imagem da desinformação, como se ela tipificasse uma congénita incapacidade das regiões mais afastadas dos centros de decisão política promovendo, no fundo, a ideia peregrina de que os habitantes destas "ilhas" esquecidas apenas merecem uma espécie de democracia tutelada.

Arautos tardios da desgraça, diabolisaram a Regionalização, corporizaram nela todos os males. A retórica do discurso é grotesca. Nas suas palavras, a realidade deixou de ser realidade para se transformar numa caricatura grosseira.

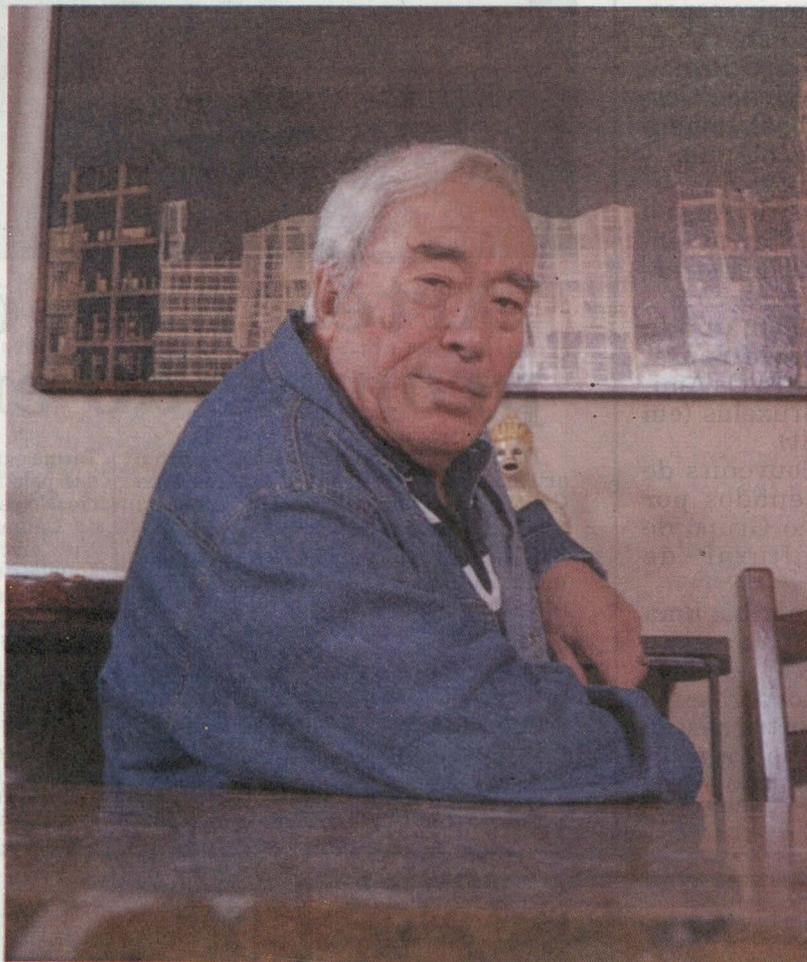
É preciso repetir que a urgência da mudança radical no modelo centralista que falhou, que produziu as assimetrias e agravou as desigualdades, pondo, aí sim, em perigo, a coesão nacional. Modificar estruturalmente a sociedade portuguesa, construir um país à medida do homem, superar o abismo das desigualdades, é uma exigência colectiva.

O desafio só resultará se às Regiões derem voz e capacidade de se pensarem, isto é: atribuindo-lhes os instrumentos de planeamento, até agora habilmente sonegados.

Deixar tudo como está, é promover a manutenção do subdesenvolvimento, arrear a esperança do imediato, aprofundar o desordenamento, manter no todo nacional uma débil qualidade de vida.

É ficarmos, como Sísifo, a rolar a pedra da condenação. Até ao cimo da pobreza.

F.P.N.



Um dos maiores prosadores deste século

A morte de Cardoso Pires

Com a morte de José Cardoso Pires (natural de Peso, Vila de Rei, 1925-1998), desaparece um dos maiores prosadores deste século português. As suas obras — no conto, no romance, no teatro — constituem um contributo originalíssimo à renovação da Língua Portuguesa.

Autor largamente premiado, Cardoso Pires foi também cronista notável e quem melhor captou a poética da cidade de Lisboa sobre a qual escreveu páginas inesquecíveis. O "Jornal do Fundão" orgulha-se de o ter contado entre os seus mais firmes amigos. Colaborador do JF, fundou e dirigiu o suplemento & etc, coordenado por Vítor Silva Tavares.

Neste número, fazemos uma memória breve de Cardoso Pires, recuperando alguns textos desconhecidos do grande público. É um Suplemento de quatro páginas sobre o Amigo que partiu.

DESTACÁVEL E PÁGINA 3

Assaltada ourivesaria no Fundão

«Levaram» 80 mil contos em jóias

PÁGINA 4

Erro anula vinda de 10 especialistas

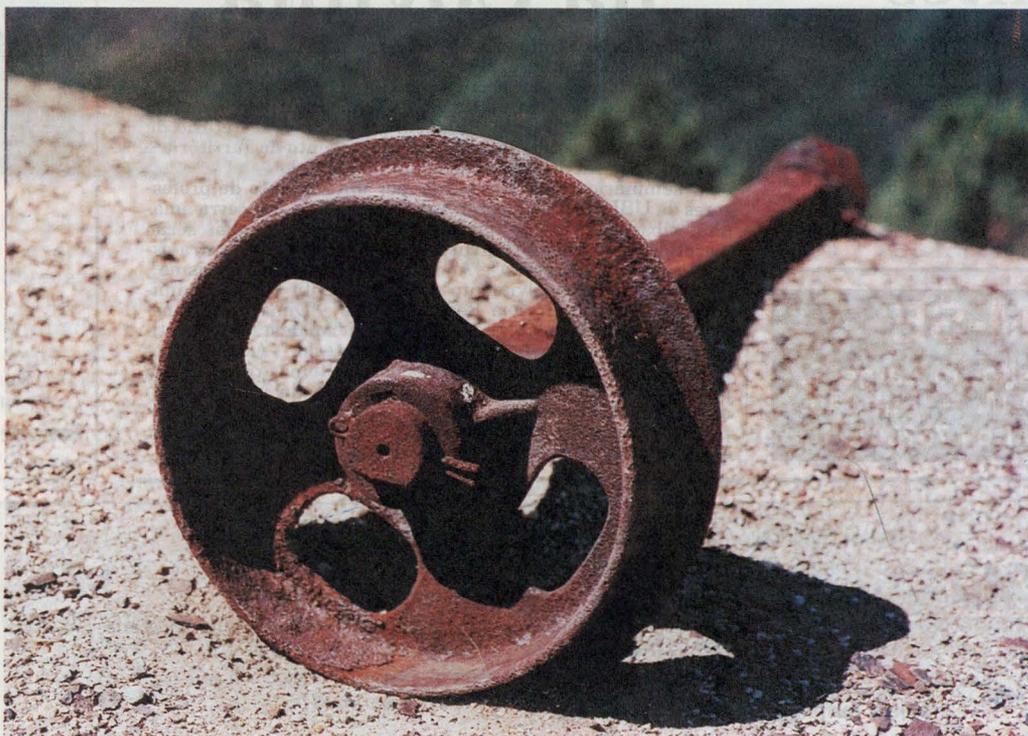
Imbróglio no Hospital da Covilhã

PÁGINA 32

UBI promove jornadas de arqueologia industrial

"Os fios do passado a tecer o futuro" é o tema das jornadas de Arqueologia Industrial promovidas pela Universidade da Beira Interior entre os dias 12 e 14 de Novembro. A sessão de abertura vai contar com a participação do escritor Alcada Baptista que falará sobre o "Homem e a Cultura". Nestas jornadas vão estar presentes reputados especialistas espanhóis, franceses, ingleses portugueses e irlandeses da área da indústria e história têxtil. Os temas a debate vão desde a museologia, economia têxtil e ciências sociais.

No dia da abertura das jornadas é inaugurado o arquivo histórico do Museu dos Lanifícios. No dia 13, haverá ainda uma passagem de modelos pelos estilistas covilhanenses José Manuel Esteves, Miguel Gigante e Helena Cardoso.



Fundão

Empresários interessados no Convento

Pág. 9

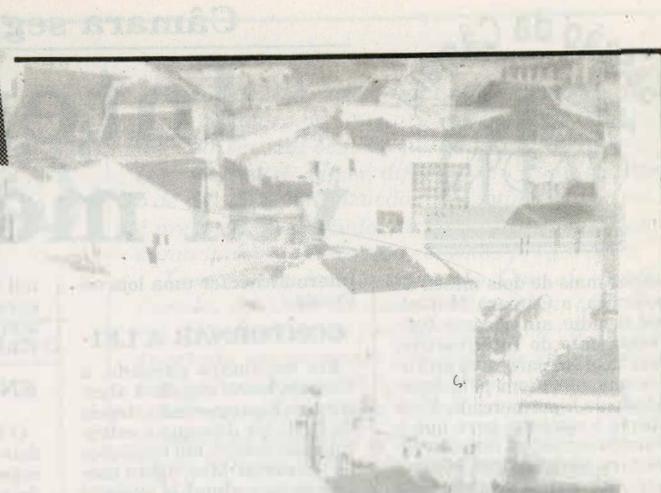
Castelo Branco

Os rostos do poder no universo de uma Confraria

Centrais

A SEMANA

Fernando Paulouro Neves



Cardoso Pires, uma memória

HOJE, a página branca resiste à sementeira de palavras, como se elas tivessem voado pelos labirintos da cidade que era a pátria de afectos do escritor. E nesse vôo, nessa viagem avulsa pelas ruas, pelas cores da urbe, pelo respirar arterial da gente, pela caligrafia de gestos, olhares e sorrisos, as palavras voam pelas colinas e descem até ao rio, onde o escritor gostava de ancorar pensamentos e olhar Lisboa, a sua cidade. Lá mais para diante, a brisa marítima, o infinito azul, o mar, que ele também amava, decerto a essa hora — a hora em que se faz um último aceno de despedida — cheio daquela luz que transfigura todas as navegações, em terra firme ou nos oceanos imaginários: a realidade que a matéria solar incendeia! O Cardoso Pires partiu, mas fica presente, eternamente presente, como diria Eliot, agora e no tempo futuro, com o seu magistral registo criador, na ficção, no teatro, no ensaio. As angústias e as esperanças, os temores e as raivas, os tédios e os provincianismos (individuais ou de escola) a procura incessante de uma realidade jamais abençoada pela coreografia mansa dos brandos costumes, de tudo isso se fez a singularidade de uma obra que marca a literatura portuguesa deste século. Escrevo isto, e parece-me muito pouco, apenas som de lugar-comum. Saio deste trilho. O écran parece teimosamente vazio, o teclado silencioso, a fragmentária factualidade da narrativa, bloqueada. Vou, por isso, à procura de palavras suas, assim o convocando a uma presença que é memória viva. O José Cardoso Pires é agora um rosto feito de palavras e de livros, as suas palavras e os seus livros. Ficamos em boa companhia. Abro *Lisboa, Livro do Bordo*. E vou ao encontro de poesia feita prosa.

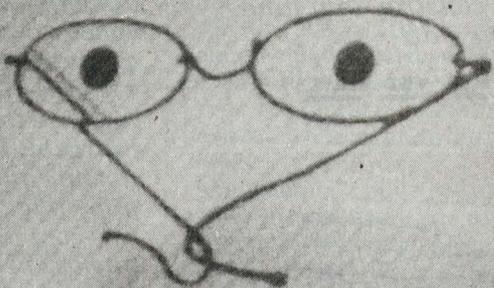
Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade de navegar. Não me admiro: sempre que me sinto em alturas de abraçar o mundo, no pico dum miradouro ou sentado numa nuvem, vejo-te em cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe a sal. Há ondas de mar aberto desenhadas nas tuas calçadas; há âncoras, há sereias. O convés, em praça larga com uma rosa-dos-ventos bordada no empedrado, tem a comandá-lo duas colunas saídas das águas que fazem guarda de honra à partida para os oceanos. Ladeiam a proa ou figuram como tal, é a ideia que dão; um pouco atrás, está um rei-menino montado num cavalo verde a olhar, por entre elas, para o outro lado da Terra e a seus pés vêem-se nomes de navegadores e datas de

descobrimientos anotados a basalto no terreiro batido pelo sol. Em frente é o rio que corre para os meridianos do paraíso. O tal Tejo de que falam os cronistas enlouquecidos, povoando-o de tritões a cavalo de golfinhos

(...)

A última Vista da Cidade será uma cortina de gaivotas enfiadas a levantarem-se entre mim e o Tejo. Na altura estarei, ou estou ainda, sentado num café-snack do Terreiro do Paço junto ao cais dos cacilheiros, com uma larga vidraça a separar-me do rio. Café Atinel, que nome mais estúpido. Olho as mesas vazias e pergunto-me por que razão é que um sítio assim, tão privilegiado, consegue estar desconhecido. Por mim não quero outra coisa: barcos que chegam, barcos que partem, gente de entrar e sair a servir-se ao balcão, e eu sentado em cima do Tejo. Tal como estou tenho a cidade pelas costas. Comércio, multidão, Europa, fica tudo para trás. Lá as pessoas andam todas a perguntar as horas umas às outras, enquanto que neste reduto para aqui esquecido sabe-se do correr do dia pelo mudar da cor do Tejo, e não me digam que não é uma felicidade estar-se assim, à mesa sobre as águas, com gaivotas a saírem-nos de baixo dos pés e a passarem-nos a dois palmos dos olhos num bailado de gritaria. Tempo bom, o desta solidão. Tempo melhor ainda, lembram os méritos da biblioteca num ulissiponês de fazer inveja, quando se via a olho nu o Promontório da Lua por toda essa costa além. Tempo, dizem, em que nas margens da Outra Banda havia areias que escorriam ouro (Marco Terêncio fala disso) e pastagens celestes onde as éguas emprenhavam pelo vento. Tempo de poeiras luminosas e lágrimas lunares. E de pérolas. E de tritões. Tritões cantadores como aquele que consta da Descrição da Cidade de Lisboa de Damião de Góis. "Noutros tempos, longos tempos, havia em Lisboa uma sereia..." Conheço uns versos de Robert Desnos que começam desta maneira mas é melhor ficar por aqui porque o Tejo não é de fábula nem de poema e corre sem nostalgias. E Lisboa a mesma coisa, disso podemos estar nós bem seguros. Só que, com o saber dos séculos e os sinais de muito mundo que a perfazem, sugere várias leituras, e daí que a cada visitante sua Lisboa, como tantas vezes se ouve dizer.

PRÊMIO
Pessoa



José Cardoso Pires
(1925-1998)

Quando a palavra triunfa sobre a morte

FERNANDO PAULO NEVES

Era uma morte anunciada e os amigos, em voz múrmura, inquietos

lenta e obstinada resistência de José Cardoso Pires em descer à

e perplexos, como se as palavras fossem agora um reduto de lágrimas, apenas confirmavam a

última sombra. Bem sabíamos todos que ele vencera um dia "a morte branca" e regressara

para nos deixar ainda dois livros fabulosos (*De Profundis, Valsa Lenta* e *Lisboa, Livro de Bordo*, ambos de 1977), espécie de último ajuste de contas com a eternidade de alguém que superou o efêmero dos dias.

José Cardoso Pires desafiou o tempo que as circunstâncias quiseram impor-lhe como destino comum e fez da

escrita um caminho de libertação, à semelhança daqueles grandes criadores para quem a literatura e a poesia (e ninguém melhor do que ele nos deu a poética de uma cidade chamada Lisboa) são os territórios onde se inscreve a realização do ser pela palavra.

A obra de Cardoso Pires é esse combate contra o cinzentismo,

que domestica a vida e as ideias, é essa linha da frente contra os obscurantismos de todos os matizes, é essa rebeldia de estar contra tudo aquilo que diminui o homem na sua dignidade essencial. Essa parábola deixou-a magistralmente descrita no texto que antecede os contos de *Jogos de Azar*, quando fala nos restos

(Continua na pág. IV)

Obras de José Cardoso Pires

Os Caminheiros e Outros Contos
1949/ fora do mercado

Histórias de Amor
1952/ fora do mercado

O Anjo Ancorado
1958/ romance, 8.º ed.

O Render dos Heróis
1960/ teatro, 4.º ed.

Cartilha do Marialva
1960/ ensaio, 6.º ed.
7.º ed., especial com capa e guaches
de Costa Pinheiro: Outubro de 1989

Jogos de Azar
1963/ contos, 6.º ed.

O Hóspede de Job
1963/ romance, 8.º ed.
Prémio Camilo Castelo Branco

O Delfim
1968/ romance, 15.º ed.

Dinossauro Excelentíssimo
1972/ fábula, 6.º ed.
Capa e ilustrações de João Abel Manta

E Agora, José?
1977/ ensaios

O Burro-em-pé
1979/ contos

Capa e ilustrações de Júlio Pomar

Corpo-Delito na Sala de Espelhos
1980/ teatro

Balada da Praia dos Cães
1982/ romance, 15.º ed.
Grande Prémio de Romance e Novela

Alexandra Alpha
1987/ romance, 4.º ed.

Prémio Especial da Associação
dos Críticos do Brasil

A República dos Corvos
1988/ contos, 2.º ed.

A Cavalo no Diabo
1994/ crónicas

De Profundis, Valsa Lenta
1997/ memória, 5.º ed.

Lisboa
Livro de Bordo
vozes, olhares, memorações
1997

«Falar de liberdade»

Em 1991, Artur Portela fez uma longa entrevista a Cardoso Pires publicada pelas «Publicações Dom Quixote» com o título «Cardoso Pires por Cardoso Pires». Um dos aspectos mais importantes do livro é a desmontagem feita sobre a censura e o controle da liberdade de expressão. Cardoso Pires também aí fala do Fundão:

«— O consulado de Marcelo Caetano procurava adaptar a subdoutrina do Salazar a um país desautorizado por fora e por dentro. A própria Polícia Política começava a ver na guerra do Ultramar um imenso cemitério onde jaziam alguns dos seus agentes mais sanguinários, os célebres *Flechas*. Por outro lado, o alto funcionalismo oficial sentia o futuro comprometido, jogava entre o poder político e a protecção do grande capital. Dou-lhe um exemplo passado comigo no Fundão, meses antes do 25 de Abril. Houve um almoço, era a festa de aniversário do «Jornal do Fundão» e, inesperadamente, vem um aviso do governador civil de Castelo Branco a proi-

bir-me de falar. Porquê, por eu estar na mesa da presidência? Não sei. Mas, pronto, proibiu. Eu, sinceramente, não tinha a menor intenção de dizer fosse o que fosse, mas, perante a intimidação, não tive outro remédio senão tomar a palavra e denunciar a proibição que acabava de me ser comunicada. Apareceu imediatamente a PIDE que cercou o local e espancou brutalmente um funcionário. E pronto, a festa ficou por aí. Saímos por entre duas filas de pides que, para surpresa minha, não deram voz de prisão, limitando-se a deitar-me olhares provocadores. Porquê? Ah, bom, porque nessa altura já o horizonte da Ditadura estava pouco pro-



Janeiro de 1974. «Cerca de mil pessoas assistiram ao encontro cultural que sublinhou o aniversário do «Jornal do Fundão». Um romancista, José Cardoso Pires, um poeta, Eugénio de Andrade e um pintor, Cargaleiro, foram exaustivamente analisados e proclamados testemunhas de um certo tempo português

Na foto: João José Cochofel, Egídio Namorado, António Paulouro, José Cardoso Pires, Eugénio de Andrade, Óscar Lopes, Edite Cardoso Pires e Stephen Reckert

missor. O tal governador civil era ou tinha sido veterinário dum grande lavrador da região que o dissuadira de levar ao fim a operação policial, devido ao telefonema de um amigo que se encontrava no almoço. O obediente

governador chamava-se Simplício Barreto Magro, um nome destes nunca mais se esquece. Logo a abrir o ensaio *Técnica do Golpe de Censura** deixo-lhe uma referência elucidativa: «Dedico estas reflexões», digo eu lá, «a um

cidadão sem letras, Simplício Barreto Magro, veterinário e governador fascista, o qual, proibindo-me, me obrigou a falar de liberdade». É que aquela reunião foi realmente uma afirmação de liberdade em homenagem a

um resistente como António Paulouro e ao jornal que ele dirigia».

*Incluído em *E agora José?, Moraes Editores, Lisboa, 1997*

JORNAL DO FUNDÃO

Redacção

Am os beirões são tráfamundos, vem na história. Mas história não é mundo. Por isso corra aqui quando posso. Para viver um pouco do mundo e esquecer a paróquia lisboeta.

A propósito, o enteposto do Fundão, além de vinho produz um bacalhau de fozes muros de inveja Tenreiro. Aconselho-lha.

Um abraço, e amizade do mt. pinto

Cardoso Pires

P.S. = Não nosse lembre-lhe que me telefone quando fizer uma visita mais folgada do submundo...

Quando a palavra triunfa sobre a morte

(Continuação da pág. 1)

de uma charrua abandonada na praia, entre os corvos.

Bastariam os contos (quem pode esquecer *Caminheiros?*) para guindá-lo a um plano superior na literatura portuguesa, mas o seu universo literário, assente num chão verbal de rigorosa economia de meios, confere a Cardoso Pires, justamente, lugar cimeiro entre os prosadores maiores deste século, onde avultam nomes como Aquilino, Rodrigues Miguéis, Vergílio Ferreira, Saramago.

Imaginei muitas vezes Cardoso Pires no seu lavrar de palavras, nesse trabalho oficial que dilacera o criador, na sua solidão absoluta, e que Carlos de Oliveira registou como imagem definitiva do escritor: «O trabalho oficial é o fulcro sobre que tudo gira. Mesa, papel, caneta, luz eléctrica. E horas sobre horas de paciência, consciência profissional». E explicava depois que esse trabalho «consiste quase sempre em

alcançar um texto muito despojado e deduzido a si mesmo, o que me obriga por vezes a transformá-lo numa meditação sobre o seu próprio desenvolvimento e destino».

Eis o retrato, se o quiséssemos compor com as linhas alheias de um olhar profundo sobre a arte da escrita. O José Cardoso Pires consumiu assim o seu acto criador na produção de textos que se pensavam com o gume de uma introspecção sem limites. As páginas que ficam são um admirável mundo novo. Que não se esquecem, seja quando descreve *O Anjo Ancora-do*, retrata *O Render dos Heróis*, faz a parábola de *O Hóspede de Job*, cria *O Delfim*, ataca como nunca ninguém ousara o ditador em *Dinossauro Excelentíssimo* (atenção: estávamos em 1972), questiona o presente e o futuro: *E agora, José?*, faz a crónica imediata (*O Burro-em-pé*), recria um crime político do fascismo (*A Balada da Praia dos Cães*), voa sobre os ti-

ques da sociedade portuguesa de agora (*Alexandra Alpha*), faz a radiografia de *A República dos Corvos*, e *A Cavalinho no Diabo* produz, uma vez mais, crónica deste tempo português. O final já se sabe: o regresso de «uma morte doce», como ele disse (*De Profundis, Valsa Lenta*) e *Lisboa, Livro de Bordo*, como se fosse a lenta despedida da sua cidade dos prodígios e dos afectos.

José Cardoso Pires. Olho os livros, percorro as páginas em navegação lenta, e parece-me que também ele, como no Último dos Mundos, triunfou de certo modo sobre a morte. Um triunfo construído com palavras. Belíssimas palavras, palavras tristes e palavras de amor.

É assim que me apetece despedir do beirão ressentido (natural do Peso de Vila de Rei) que um dia definiu (aqui no JF) esta nesga de terra que é a Beira como uma «Sicília abandonada», «deserto de pedras, padres e pedintes».